



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

*Discurso na cerimônia comemorativa dos 60
anos do Serviço Nacional de Aprendizagem
Industrial (Senai) e de recebimento da
Ordem do Mérito Industrial da CNI*

SEDE DA CNI, BRASÍLIA, DF, 14 DE AGOSTO DE 2002

Meu caro Carlos Eduardo Moreira Ferreira, Presidente da Confederação Nacional da Indústria; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Senhores Embaixadores; Ministros dos Tribunais Superiores; Parlamentares; Professor José Aguiar Martins, Diretor-Geral do Senai; Meu querido amigo Antônio Ermírio de Moraes e, citando o nome de Antônio Ermírio, estou citando os dos demais empresários e empresárias aqui presentes; Alunos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; Senhoras e Senhores,

Agradeço, naturalmente e com orgulho, a condecoração que acabo que receber. Quero, antes de mais nada, transmitir minhas felicitações ao Senai e a todos os que contribuem para a formação e qualificação dos nossos trabalhadores. Permitam-me nomear o Professor Martins para que, em nome dele, possa felicitar a cada um daqueles que trabalham no Senai.

Não poderia, também, deixar de, além de me regozijar por esse esforço maravilhoso que nós vimos, há poucos instantes, no vídeo, e pelo que ele significa, me referir e agradecer as palavras, que me emocionaram, do Doutor Antônio Ermírio.

Estou acostumado a ouvi-lo. Sei da sua vibração, sei do seu sentimento patriótico. Mas é gostoso ouvi-lo mais uma vez, aqui, a encorajar-nos, e a encorajar-nos naquilo que é essencial: nunca perdermos a crença no nosso Brasil.

Estou com você, Antônio. Eu acho que os pessimistas não deveriam nem ter vindo para cá. Se alguns vieram, que vão mais depressa para fora, porque não nos servem. Quem é otimista pode errar, quem é pessimista começa errando. Não serve.

Nós temos que acreditar em nós próprios, não como forma de arrogância, não como demonstração de menosprezo pelos demais, mas como forma de buscar forças, para que possamos melhorar, cada vez mais, e igualarmo-nos aos melhores.

As condições, Doutor Antônio Ermírio aqui descreveu, com essa capacidade incrível que ele tem de memorizar e de falar sobre números, com uma naturalidade que me encanta, que mostra que nós temos, também, a fibra necessária, porque a história do Senai que acabamos de ver, aqui, a história da nossa industrialização, tão bem simbolizada pelo próprio Antônio Ermírio, é a história de gente que acredita. A história do nosso povo, a história dos trabalhadores, dos que foram se aperfeiçoar no Senai, é a história de gente que acredita.

E aqui, o Doutor Carlos Eduardo, a quem também agradeço, mais uma vez, pelas tantas – e são inúmeras – referências que ele tem feito a mim, e de uma maneira que me comovem. Mas a história que ele mencionou aqui, a respeito do Senai, é certa. Não faz quase 50 anos, faz 50 anos, talvez até um pouquinho mais, que, sob a batuta do Guerreiro Ramos e por indicação de Florestan Fernandes, eu, recém-formado – mas já era professor da USP, fui professor com 21 anos, da Faculdade de Economia, naquela época, da Universidade de São Paulo –, fiz uma pesquisa, que foi uma das primeiras, talvez. A primeira foi com a Doutora Lucila Hermann, sobre operários, sobre mão-de-obra no Brasil. Fiz uma pesquisa, com Guerreiro Ramos, sobre o Senai. O Senai, então, teria mal completado 10 anos. E era a respeito da qualidade do ensino, da satisfação do aluno. E eu fui à casa dos trabalhadores.

Aqueles que conhecem São Paulo, hoje, nem podem imaginar o São Paulo da época, há 50 anos. Apenas Antônio sabe. Da Mooca para diante moravam os trabalhadores. No Belenzinho, no Ipiranga, na direção do São Caetano, ali, quase tudo era lama, não havia pavimentação.

Eu costumo me referir, para aqueles que duvidam do Brasil, à minha experiência pessoal, à nossa, dos mais velhos. Quando fui para São Paulo, com oito anos, como disse o Carlos Eduardo, o Brasil tinha uma estrada asfaltada. Era a Via Anchieta, de Santos a São Paulo. E um trecho que do Rio subia para a Serra das Araras e outro ramo que ia para Petrópolis. Nada mais.

Entre o Rio e São Paulo, quando chovia, havia que parar no meio. Eram dois dias. Até hoje sou bom, guiando carro na lama. Quando vejo que o chofer é inseguro, mesmo quando é meu filho, que é competente como motorista e em outras coisas também, fico com vontade de tomar a direção, porque aprendi a guiar como se guiava naquela época, sem pavimentação.

Faz só 50 anos. Assisti a isso. No Senai, nas casas dos trabalhadores, falava com as famílias, com o jovem que estava no Senai, para medir o grau de satisfação, o grau de assiduidade, se havia mudança na mentalidade do jovem, quando ele entrava para o Senai. Não me recordo do que escrevi, mas, certamente, o Guerreiro Ramos terá aproveitado e haverá algum relatório que conte o que era o esforço do Senai naquela época.

De modo que, para mim, é uma grande satisfação estar aqui, comemorando os 60 anos e recebendo esta condecoração.

Creio que tudo tem sido feito com um esforço extraordinário. Não quero, naturalmente, aqui, ensinar o Pai-Nosso ao vigário. Vocês é que entendem dessas coisas, sabem muito bem, muito melhor do que eu, o quanto é essencial para a indústria brasileira, para o nosso desenvolvimento, para o aperfeiçoamento da mão-de-obra.

Acho que este Brasil que está no início do século XXI pode orgulhar-se, como nós todos nos orgulhamos, de ter alcançado avanços significativos, que eu diria mesmo extraordinários, na nossa indústria, porque vimos, aqui, milhões de trabalhadores formados. Quantos são? Trinta e três milhões, metade dos quais nos últimos oito anos. Isso mostra como

está havendo uma progressão imensa na formação da nossa mão-de-obra e também mostra que estamos alcançando um novo patamar na nossa produção industrial.

Acho que não podemos nos deixar combalir por momentos de dificuldade. Quando se olha com a perspectiva da história, quando se vê o processo, o que se vê é que a nossa indústria tem tido um avanço enorme. A produtividade física do trabalho na indústria de transformação mais do que dobrou, desde o início desta década de 90 – mais do que dobrou. Se, em 91, o índice de produtividade física do trabalho era 100, estamos hoje acima de 200. Isso é o que conta. Isso é o que faz o diferencial. Isso é que mostra por que conseguimos atravessar turbulências, crises, juros altos, sufocos de toda natureza. É preciso ter muita fibra para agüentar tudo isso e avançar.

Esse é o nosso país. Com muita fibra, vamos enfrentando. Sabemos que é difícil, mas aprendemos. Assim como aprendi a guiar automóvel na lama, os brasileiros aprenderam a avançar na dificuldade. E avançamos. Estamos avançando cada vez mais. Qualquer que seja o indicador que se considere, a nossa indústria cresceu a taxas muito expressivas. E isso contrasta, por exemplo, com o que ocorreu na década de 80, em que houve uma estagnação efetiva.

Às vezes, vejo dizerem que o Brasil estagnou. Não olham os dados. É verdade que houve uma abertura da economia, que aumentou a concorrência. Aqui, vimos isso. Então, um ambiente de estabilidade era necessário para que pudéssemos fazer uma espécie de estímulo à modernização do parque produtivo. E a verdade é que a nossa indústria está ganhando a batalha. O choque de competitividade que ela recebeu está permitindo que haja uma revolução silenciosa nas nossas fábricas.

Não gosto da expressão “revolução silenciosa”, porque tem uma certa tonalidade conservadora. Prefiro dizer “revolução operosa”. Sem fazer barulho, estamos operando transformações o tempo todo. Estamos incorporando novas técnicas de gestão, cada vez mais eficazes, cada vez mais modernas. Tivemos acesso a insumos e equipamentos importados. Isso, em um primeiro momento, traz problemas, mas, em um segundo momento, aumenta a competitividade.

A robótica e nem sei como é que se chama essa outra, macro não-sei-quê, que vocês estão ensinando nas escolas do Senai, quem sabe, terminando aqui a minha missão como Presidente, eu vá aprender alguma coisa lá, quem sabe eu peça emprego em algum lugar, para poder ter um emprego produtivo? Por que não? Algum emprego terei de ter, porque, ao contrário do que alguns brasileiros pensam, o Presidente da República, graças a Deus, não tem pensão. Então, por que não obter um emprego produtivo?

Bem, isso mostra que o Brasil está avançando. Se formos ver aquilo que o Senai recebe, que é o ISO 9000, observamos que ele aumentou no Brasil, nas nossas empresas, 80 vezes, desde o começo dos anos 90. Há algum tempo, quando precisava fazer crer ao mundo aquilo que hoje, graças a Deus, não é preciso mais, porque o mundo sabe, o mundo passou a nos respeitar, quando precisava dizer que o Brasil avançava, eu citava, comparativamente, o ISO 9000, o ISO 14000. Deixei de fazê-lo, porque a diferença é tão grande, com relação a outros países amigos, que podia parecer que eu estava querendo provocar uma reação, o que eu não queria. Eu queria apenas mostrar que nós, aqui, estávamos avançando, e avançando fortemente, na questão da qualidade.

Os exemplos de ganho de qualidade são enormes. E a verdade é que a nossa indústria, com todo o protecionismo que aí está, que combatemos, que vamos continuar combatendo e que teremos que combater mais, conseguiu competir e avançar, com barreiras de toda ordem: tarifária, não tarifária, fitossanitária. Os nomes vão mudando, mas as técnicas são as mesmas: "Muito bom economia aberta, para os outros. Não a nossa."

Não é o nosso pensamento. Nós queremos abrir, também com prudência, sem exageros, porque temos que olhar para o nosso interesse. Entendemos que os outros olhem os seus interesses, mas não entendemos que abusem. Lutamos contra os abusos. Apesar disso, continuamos exportando, vendendo, e vendendo fortemente.

E vejam mesmo o que ocorre agora com o nosso aço, com os nossos têxteis e com o suco de laranja. Estão todos aí sendo espremidos. Suco de laranja deve ser espremido mesmo, porque senão não se faz suco.

Mas a verdade é que, a despeito disso, nós vendemos, nós avançamos, nós lutamos. Conseguimos uma concessão ali, outra acolá.

Agora mesmo a União Européia fez um acordo sobre têxteis. Quem imaginava isso? Curiosamente, aqui, quanto mais avanços se obtêm, menos eco parece que os avanços encontram, por causa da barreira da falta de ânimo, que combatemos tanto. Mas avançamos, estamos avançando nisso tudo.

Esses são os temas prioritários da nossa agenda de governo. Aqui estão vários ministros, que vivem, dia e noite, discutindo esses temas, lutando, abrindo mercados. Ainda agora, recentemente, o Ministro da Agricultura me visitou, com o Ministro da Agricultura da China, que veio me informar que a China abriu os seus mercados para o frango brasileiro e para as carnes brasileiras.

Isso é um dado importante, porque mostra que estamos continuando a lutar, e continuamos a avançar, a ocupar novos espaços. E isso não se faz sem competência. É o Itamaraty, é o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, são os empresários, são os técnicos, é a pressão da sociedade e dos políticos também.

Isso tudo é um conjunto de ações articuladas. Nada disso ocorre, assim, por acaso. É preciso que haja sempre um trabalho interno, aqui no Brasil, para que possamos aproveitar essas grandes eficiências de qualidade e de competitividade e avançar nas nossas exportações.

Esse processo não pode mais ser pensado em termos apenas da grande empresa. Nesse ponto, também, o Sebrae, o Senai e a CNI são instrumentos fundamentais para aquilo que é básico para nós, que é a pequena, a média e a microempresa.

Não é o momento de eu estar, aqui, fazendo muitas referências a esses programas, mas o Programa Brasil Empreendedor pôs à disposição dos empresários pequenos, médios e micro uma imensa quantidade de recursos, tão grande que, quando o Ministro Tapias falava dos números, eu não acreditava. Depois, vieram os resultados: as empresas tomaram emprestado, avançaram. Há projetos, há grupos organizados, para a formação de projetos, e assim por diante.

A verdade é que estamos avançando nessa matéria também. E nós já formamos cerca de 6 milhões de empreendedores, desde 1999, nesse Programa Brasil Empreendedor.

Tudo aqui se conta por milhões. Nós nos acostumamos, até em relação aos males, a esses milhões. A dívida é em milhões, mas a receita, também, às vezes, é em bilhões. Há que se colocar sempre em termos de certa perspectiva.

O fato é que, a despeito das dificuldades, mas graças ao esforço dos empresários, dos trabalhadores, dos técnicos, dos formadores de mão-de-obra, etc., da sociedade no seu conjunto, também foi possível ao Governo avançar.

Talvez, os brasileiros não saibam, mas a verdade é que um banco como o BNDES continua prestando serviços relevantes ao Brasil. Também ele faz 50 anos. Pode-se pensar: “Bom, é pouco.” É pouco, mas poucos países dispõem de instituições sólidas dessa natureza, de promoção do desenvolvimento, que tenha 50 anos.

Agora, o que é que significa o BNDES, hoje? Eu posso lhes dizer aqui: são 26 bilhões de reais no chamado processo de desembolso com empréstimos. Mas o que significa isso? Sabe o que significa isso? É tudo o que Banco Mundial empresta para o mundo. É o dobro do que o BID empresta para a América Latina. É o BNDES, é o Brasil.

Temos que ter orgulho disso. Orgulho de uma instituição cujos técnicos são competentes e cujas decisões, hoje, são tomadas sem qualquer interferência política. Qualquer. Aqui está o Ministro responsável pelo BNDES, e ele sabe. Eu jamais peguei o telefone para dizer: “Empreste a este ou àquele, e não empreste a este ou não empreste àquele.” Nem eu e nem ninguém. Tudo é feito, às vezes morosamente, porque as opiniões técnicas levam tempo, mas é feito com absoluto critério técnico.

E nem se perguntou se o empresário ou o empreendedor apóia o Governo ou não. Se ele apoiar a sua empresa, se ele apoiar os seus trabalhadores, se ele apoiar o Brasil, isso é o que conta. Não é se ele está apoiando tal ou qual pessoa, ou tal ou qual governo, porque é o País que está em jogo.

E o BNDES tem desempenhado um papel extraordinário. A verdade é que nós temos, realmente, uma nova mentalidade empresarial, que está se enraizando no Brasil. É claro que, como disse, temos muitos obstáculos, ainda, pela frente, mas não podemos deixar de ver o que já está constituído.

E esse mesmo BNDES é, hoje, um banco que também empresta para o microempresário. Tem uma linha de financiamento para empréstimos do Banco do Povo, a que ele se une hoje. Como o BNDES não pode fazer isso diretamente, tem que repassar, e repassa até para a rede das ONGs, para que elas possam, efetivamente, funcionar de maneira mais eficiente na atribuição de recursos.

O fato é que, com todas as dificuldades, mesmo aquilo que tem sido o nosso calcanhar-de-aquiles, que é a nossa balança comercial, melhorou. Nós tivemos um superávit, no ano passado, de 2,6 bilhões de dólares. Neste ano, os dados já vão para mais de 4,4 bilhões. Nos últimos 12 meses, já exportamos 7 bilhões de dólares.

E isso, num momento em que a conjuntura mundial é de recessão. Isso, num momento de crise no nosso principal parceiro aqui, no Mercosul, que é a Argentina. Nós temos um comércio com a Argentina de quase 3 bilhões, que não é o habitual. O habitual era de quanto? Um bilhão, mais ou menos. Se nós acrescentarmos aos 7 mais 2, já seriam 9. Isso em termos de uma economia recessiva lá fora, em que o comércio mundial encolheu.

Então, é verdade que os esforços exportadores de órgãos como a Camex e a Apex, que também têm participação da CNI, através do Sebrae, estão funcionando e não há razão para descreer deles.

Seria muito ruim que, só depois de 10 ou 20 anos, quando se fosse refazer a história, fôssemos fazer as comparações: "Ah, parece que naquele período cresceu." Estamos sentindo, nós próprios, que houve desenvolvimento, que houve crescimento. Nós estamos, efetivamente, nos inserindo na economia mundial.

Deixem-me usar uma frase que, hoje, dizem, às vezes, para me criticar, que fui o primeiro a dizer, quando era Senador, porque, naquela época, não se falava de internacionalização, era pecaminoso. Então, usei

a seguinte expressão e a coloquei no programa do PSDB: o Brasil tem que ter uma “inserção soberana” – registrei “soberana” – no mercado internacional.

Claro que uma inserção soberana no mercado internacional pode ser até um pouco contraditória nos termos. O que eu queria dizer com isso? Uma inserção que tome em consideração os nossos interesses. É o que estamos fazendo. É o que estamos fazendo: buscando mercados, aceitando a presença de capital estrangeiro que traga tecnologia para cá e buscando uma inserção que nos beneficie, através de negociações, que vão ser duríssimas, com a União Européia, com a Alca. Tudo isso vai ser difícilímo, para que seja soberana.

A atitude de alguns, que está mudando, de que “Alca, não; Mercosul, sim” é um equívoco. Depende de qual Alca. Ou não vamos querer exportar nosso aço para os Estados Unidos? Ou não vamos querer exportar nossos automóveis para os Estados Unidos? E o acordo que fizemos com o México, agora? Foi ou não foi benéfico para a nossa indústria automobilística? Claro que sim.

Eu disse com toda a tranqüilidade, em Quebec, quando falei diante de todos os presidentes do hemisfério, inclusive do Presidente Bush, dos Estados Unidos: “Olhem, nós vamos discutir a Alca e temos as nossas condições. Alca, para nós, significa que não podemos aceitar a lei antidumping sem controle; não podemos aceitar barreiras não tarifárias. Acordo é acordo e vale para os dois lados.

Isso que é exercer a soberania. Exercer a soberania não é sair correndo da mesa de negociação, com medo da negociação. É enfrentá-la com competência, coragem, firmeza, sem precisar fazer gritaria, porque quem sabe não precisa gritar, quem sabe, tendo razão, tendo competência e ganhando força, avançar.

Então, estamos nos preparando para essa inserção, graças à retaguarda dessa nossa indústria, que é extraordinária.

Hoje, quando olhamos a nossa pauta de exportação, cerca de 55%, 56% de seus itens são industrializados. Essa é a verdade do Brasil. “Ah, o Brasil tem uma participação pequena no mercado, no comércio internacional.” É verdade. Pode ser muito maior. Temos que lutar por isso.

Agora, a qualidade do produto que nós exportamos, hoje, é outra. Há mais produto manufaturado, há mais produto semi-industrializado, há menos matéria-prima – matéria-prima, hoje, é coisa de 20%, 25% – e o próprio produto que se exporta tem outra qualidade.

A mudança que os senhores representam aqui é na gestão, é no processo produtivo, é na eficiência, é na produtividade, é na qualidade. Não apenas nós produzimos mais, mas produzimos melhor. Mais e melhor. Até porque isso é condição para sobreviver nesse mundo internacionalizado.

Então, essa revolução operosa a que estamos assistindo aqui, no Brasil, é uma modificação de patamar, é uma modificação de qualidade. Claro que sempre gostaríamos de ter muito mais, mas não podemos concordar com a idéia de que temos uma indústria sucateada, porque não é verdade. A nossa indústria não está sucateada. Alguma indústria sucateada produz avião para vender com competição internacional? Produz computadores para vender? Produz telefone celular para vender internacionalmente? Produz roupa, vestimenta, moda – e, hoje, isso é muito importante – ou produz o que quer que seja? Produto de madeira como móveis, com design apropriado?

Precisamos é de ter marca, fazer com que nossos produtos sejam mais conhecidos como produtos brasileiros, para que possamos ter mais orgulho, porque senão, às vezes, exportamos e aparece com outra marca. Mas uma indústria que faz isso não é, absolutamente, uma indústria que está sucateada.

Onde foram feitos os geradores de Três Gargantas, na China? Foi na Europa ou foi em São Paulo? Eu fui ver lá em São Paulo. Aqui se fizeram os motores que vão gerar energia lá na China. Aqui. Não existe, hoje, em nenhum setor, em nenhum lugar do mundo, uma indústria tão competente e competitiva quanto a indústria de geradores para energia elétrica como no Brasil. Por quê? Pela razão que Antônio Ermírio disse: porque temos um parque imenso de hidreletricidade.

Nestes últimos anos, são cerca de 25 hidrelétricas que ou já estão prontas, ou estão quase terminadas. Que país do mundo faz isso? Poucos. Com crise, sem crise, com turbulência, sem turbulência, avança-

mos. Não podemos, de forma alguma, aceitar essa idéia. Não poderíamos ter feito isso, se não tivéssemos feito um avanço considerável na base tecnológica.

Uma das pessoas que mais entendem dessa matéria, que é o Professor Antônio Barros de Castro, usa a expressão catch-up, para dizer que houve uma espécie de emparelhamento. Nos anos 70, crescemos e emparelhou. Nos anos 90, crescemos e emparelhou. Esse catch-up não quer dizer que parou, quer dizer que ameaçou, como diz Antônio Barros. Ameaçou. Então, começa a haver resistências e tensões aqui, ali e acolá.

Mas, a verdade é que estamos nos aproximando, crescentemente, dos mais industrializados. Se é isso que se chama de Primeiro Mundo, Antônio Ermírio, estamos nos aproximando do Primeiro Mundo.

Não queremos ser Primeiro Mundo no sentido mau, queremos no bom. E o bom não é só ser capaz de produzir melhor. É ser capaz de distribuir melhor a renda, é ter mais igualdade. E igualdade não se consegue, senão com mais educação, com mais capacidade de as pessoas se fazerem, com mais respeito aos direitos humanos, com mais dignidade.

Isso não se ganha do dia para a noite, mas estamos avançando nessa direção, também. Se continuarmos nos industrializando e se caminharmos no sentido de maior justiça, de maior igualdade, no sentido de que direitos são iguais, nós vamos chegar lá. Disso, não tenho dúvida nenhuma, de que lá nós chegaremos.

É preciso dizer também que, para isso, foi preciso haver um grande avanço científico e tecnológico no Brasil. Aí, o setor empresarial ainda tem muito com o que cooperar.

Vou mandar, em poucos dias, para o Congresso a Lei de Inovação, para permitir um entrosamento maior entre a universidade e a empresa. Mas é preciso que haja mais pesquisa nas empresas, mais desenvolvimento científico e tecnológico.

Mas, a despeito de querermos mais, estamos produzindo 6 mil doutores por ano. Seis mil doutores por ano significa a mesma coisa que a Itália. Está bem, a Itália tem menos população que nós, mas é muito mais rica. Para fazer esses 6 mil doutores, temos 18 mil mestres por ano.

Sem querer puxar a brasa para a minha sardinha, olhem com isenção o que acontecia no começo dos anos 90 e olhem, agora. E vão dizer que uma universidade que produz isso está sucateada.? É preciso ser insensato.

Quando se olham os dados da participação dos nossos cientistas, em geral, nas publicações internacionais – e existem matérias que mostram isso –, quando se olha a citação dos trabalhos, o avanço do Brasil é, realmente, considerável, é de monta, é de expressão. Nós estamos avançando exponencialmente. E isso também é nestes últimos anos. Houve um crescimento acelerado.

De modo que não posso aceitar essa idéia de que exista sucateamento na indústria, desorganização na produção científica e que tudo vai mal. Não é verdade. Cadê os dados? Mostrem os dados. Não adianta mostrar a garganta. Garganta boa são as Três Gargantas cujas turbinas são produzidas aqui. As outras são “garganta”, no sentido popular. É garganta, não é verdade. A verdade, quando se olha a realidade, é o que vimos aqui, hoje.

O fato é que não quero cansá-los. Como disse o Antônio, eu não sabia de Pitágoras. Vou passar a usar. Mas eu não quis nem usar, porque, se eu usasse, calaria a boca de começo, porque tudo que ouvi dele já me bastava. Eu não precisaria dizer mais nada, até porque tudo o que podíamos dizer já foi aqui mencionado, como os avanços havidos em outros setores importantes, como a questão da economia do conhecimento, como a questão dessas transformações que estamos verificando, ao todo.

Queria, apenas para não cansá-los, dizer o seguinte: mesmo naquilo em que gostaríamos que fosse muito melhor, que é o crescimento do PIB – quem não quer que o Produto Bruto cresça mais? Todos nós queremos –, não obstante, é preciso dizer que a expansão média, de 93 para cá, foi de 3,1%. De 81 a 92, foi de 0,14% na indústria. A indústria vinha se encolhendo. Não é o que está acontecendo agora. Não é o que está acontecendo.

Quando se faz a acumulação do Produto Interno Bruto, vê-se que não houve momento negativo. Nos anos 80, era assim: ziguezague, sobe e desce, sobe e desce. Eu mesmo me surpreendi, quando pedi para

calcularem. Deu 31%, de 1993 até 2001. Quer dizer, o Produto Interno Bruto brasileiro cresceu 31% de 1993 a 2001. É quase uma terça parte que se adiciona ao Brasil. O produto per capita, que é o que mais conta, foi negativo, em 0,5, nos anos anteriores, e foi positivo, em 1,9. Então, não podemos dizer que não estejamos aumentando.

É claro que falta muita coisa. Não vou deixar de mencionar aquilo que citei na última vez em que estive aqui: falta, realmente, avançar na reforma tributária. E vou reiterar meu apelo. A reforma está no Congresso. A reforma do ICMS está lá, há um ano. Não tem relator. Nem relator designado. E a reforma para reduzir do PIS a cumulatividade está pronta. Temos insistido para que votem. Por que não se vota? Por que o Presidente não quer? É natural que seja assim. São Interesses que se chocam e que têm que ser compostos. Mas não vou desistir. Não vou desistir! Ainda há tempo!

Acho que, agora, as forças da Nação estão mais despertas. Há muitos setores que, antes, só viam o Governo como uma coisa longínqua, que seria melhor apedrejar. Agora, começam a pensar que um dia a pedra pode cair na própria cabeça. Talvez, então, ao invés de votar “não”, votem “sim” em matérias muito importantes para o Brasil. Uma delas é a reforma tributária. Acho que, nessa, já existe consenso e vamos poder avançar, pelo menos naqueles pontos que são essenciais, para que possamos ver que há o que fazer mais adiante e que já há um modo de fazer.

Concordo com o que disse Antônio Ermírio. O mundo mudou, isso é óbvio. A internacionalização está aí. Ela pode ser boa ou pode ser ruim. A financeira tem sido um desastre. A falta de controle existente é muito grande. Temos enfrentado, como disse, tudo o que é turbulência. Até a crise de energia. E vi que a CNI mostrou que a crise de energia não danificou tanto a indústria quanto nós imaginávamos. Não é isso?

Não sei se leram, mas vale a pena ler – está publicado, hoje, no New York Times, ontem, foi publicado no Globo e, anteontem, no Valor – um artigo do Professor Joseph Stiglitz. Para quem não o conhece, ele foi o economista chefe do Banco Mundial e é o maior crítico do Fundo Monetário Internacional. Prêmio Nobel do ano passado. Ele diz que tem, não me lembro exatamente da expressão, inveja dos brasileiros,

qualquer coisa assim, porque superaram uma crise de energia, o que não foi possível fazer do mesmo modo nos Estados Unidos.

Superamos. Foi difícil. Seria melhor que não tivesse havido, é verdade. Há responsabilidades. Assumo a minha parte. Mas também assumimos, na mão, a rédea da condução do processo, para que superássemos a crise de energia. E ela está superada. Vale a pena ler o artigo do Professor Stiglitz, porque ele se rebela, como acabei de fazer aqui também, com relação às turbulências do sistema financeiro, coisa que faço sempre, há anos, muito antes de ser Presidente, e nunca deixei de fazê-lo, ao ser Presidente.

Paradoxalmente, talvez, quem tenha recentemente, aliás, hoje, de novo, se referido a essa questão de maneira mais criativa foi George Soros. Lembram-se? Ele conhece a matéria. Ele disse que, do jeito que o mundo está, as instituições – coisa que digo, há anos, e que tantos dizemos – de Bretton Woods, quer dizer, o Banco Mundial, o FMI, enfim, essas organizações todas ficaram fracas diante da velocidade e do volume dos recursos financeiros que andam pelo mundo. E ele dá uma idéia: “Por que os bancos centrais do G-8 ou do G-7, talvez, não assumem a função de emprestador, em última instância, desses países no momento em que seus títulos estejam com dificuldade eventual, para que, imediatamente, tenham liquidez, porque a falta de liquidez deriva da falta de um garantidor de última instância?”

É claro que essa visão se opõe à visão chamada neoliberal, à qual eu sempre me opus também, que não é a nossa, nem é a nossa prática, nem é a nossa teoria. Mas está na hora de pensarmos essas questões.

É claro que esse é um processo que perturba, mas ele não pode nos desanimar. Mesmo perturbando, vamos continuar no rumo que está traçado. Vamos continuar no rumo e com essa certeza de que vamos alcançar os objetivos, não porque tenhamos uma visão mística desses processos todos, ou irracional, mas porque já construímos, no Brasil, as bases para o nosso crescimento.

Isso aqui já é uma nação suficientemente madura e uma sociedade forte – faço minhas as palavras do Doutor Antônio Ermírio – de tal modo que, quando se vai numa certa direção, que é certa, quem ousar

sair dela, na prática – na palavra, pode dizer o que quiser –, encontrará resistência. Encontrará resistência, porque este país não aceita mais a inflação. Encontrará resistência, porque este país não aceita mais truque. Encontrará resistência, porque este país não aceita mais que se possa não honrar a palavra dada.

Não acho que um brasileiro que aspire, como há tantos, a participar da vida política – e é bom que aspirem – se contraponha à vontade nacional. E a vontade nacional é a de seguir no rumo, melhorar, mudar. Não há um rumo só. Pode haver atalhos. Mas não pode haver perda de capacidade, de crença de que o Brasil tem caminho e não pode haver perda do apoio da população a esse caminho. E fazer um caminho leva muito tempo.

Perder o caminho é questão de meses. E perder o apoio da população às belas palavras é quase instantâneo, havendo algum acidente mais grave no percurso.

Mas confio no Brasil, confio nos brasileiros. E não estou fazendo distinção aqui. Não estou fazendo distinção e nem estou fazendo política partidária. Acredito que, dada a força do nosso país, a democracia está em primeiro lugar. Vença quem vencer, nós teremos força para que o caminho não se perca.

Mas é melhor vencer da melhor maneira. E eu espero que o Brasil seja capaz de encontrar, por seus próprios modos, a melhor maneira. Eu não quero ter a pretensão de ditar essa melhor maneira. Fico, apenas, com aquela em que creio, respeitando a crença dos outros.

E termino, principalmente muito agradecido pelo que ouvi aqui, muito agradecido pelo que vocês fizeram com o Senai e pelo que os trabalhadores fizeram pelo Brasil.

Muito obrigado.